



ENCONTRO #15

ESTRUTURAS RELIGIOSAS E FESTAS JUDAICAS NO TEMPO DE JESUS

1. INTRODUÇÃO

O período do Terceiro Templo, especialmente o século I d.C., representa um dos momentos mais complexos e ricos da história religiosa judaica. Jerusalém, com seu Templo monumental, era o epicentro de uma vida religiosa, social e política vibrante, marcada por festas, peregrinações e uma pluralidade de grupos e instituições. Ao mesmo tempo, a Galileia e a diáspora judaica floresciam com práticas locais, sinagogas e debates sobre a Lei.

Foi nesse contexto que Jesus de Nazaré viveu, ensinou e reinterpretou tradições, influenciando decisivamente o surgimento do cristianismo primitivo.

2. O TEMPLO

O Templo é o centro e a alma espiritual da vida e do povo judeu.

O Templo que Jesus conheceu era já o terceiro: o primeiro foi construído por Salomão e destruído pelos babilônios, em 587 a.C.; o segundo foi uma reconstrução de Zorobabel e inaugurado em 515 a.C.; o terceiro foi o que resultou da magnificente reconstrução de Herodes, o Grande, muito maior e mais belo do que os anteriores. Começado no ano de 20 a.C., só foi concluído, efetivamente, cerca do ano 26 d.C. Foi esta última reconstrução que Jesus conheceu, em cujo altar maior (25m X 7,50m) se

imolava, na manhã e na tarde de cada dia, um cordeiro, em sacrifício perpétuo, para além dos inumeráveis sacrifícios privados. O complexo anexo ao Templo tinha vários pátios (dos gentios, das mulheres e dos homens) e várias salas anexas, sendo uma delas, a mais luxuosa, destinada às reuniões do Sinédrio.



O Templo, propriamente dito, no seu interior, dividia-se em duas partes: o Santo, onde estavam o altar do incenso, o candelabro de sete braços (Menorá), permanentemente acesos e a mesa dos pães da proposição, renovados cada sábado, e o Santo dos Santos, separado do anterior por uma espessa cortina. Aqui, só entrava, e uma só vez por ano, o Sumo Sacerdote, na festa do Yom Kippur (Dia da Purificação), para oferecer um sacrifício expiatório pelos pecados do povo. O Templo era considerado a morada da presença divina e o local onde o céu e a terra se encontravam.

O Templo de Jerusalém, para além de ser centro da vida religiosa de Jerusalém e de todo o Israel, constituía também, o centro comercial e financeiro da cidade, por causa do intenso movimento de peregrinos de Israel e da diáspora: era, por isso, a sede da suprema autoridade política e religiosa entre os Judeus.

3. A CLASSE SACERDOTAL

No tempo de Jesus, Israel vivia subjugado pelo Império Romano, mas a nível religioso, dominava a teocracia. Na verdade, era o

Sumo Sacerdote em funções, sempre que não houvesse rei, o personagem mais importante da nação.

No cume da hierarquia está o Sumo-Sacerdote, é o responsável da Lei e do Templo. É o presidente do Sinédrio (Conselho dos Sacerdotes), o único a entrar, uma vez por ano, no Santo dos Santos. Chefe incontestado do povo. Os sacerdotes partilham da vida dos seus conterrâneos. Alguns mais instruídos são também escribas; outros pertencem ao partido dos Fariseus.

Há ainda a referir os Levitas, que constituem uma espécie de baixo clero, sem poder nem glória. Eram cerca de 9000 e exercem, uma semana por ano, no Templo (como os sacerdotes). São eles que preparavam os sacrifícios, recebiam o dízimo. Eram músicos e cantores, guardas do Templo...

4. O SINÉDRIO

Era o conselho ou colégio dos mais altos sacerdotes do povo de Israel. Constituía-mo 71 membros, pertencentes a três classes de pessoas: os Anciãos (aristocracia laica), os Sumos Sacerdotes (normalmente saduceus) e alguns Escribas do partido dos Fariseus. Era presidido pelo Sumo Sacerdote e reunia duas vezes por semana. Para os assuntos ordinários, funcionava com um pequeno grupo de oito elementos. Gozava efetivamente de poder religioso, político e até judicial. O poder político derivava de existir, ou não, um poder central.

No tempo do rei Herodes, o seu poder foi quase nulo. De resto, fazia leis, tinha guarda própria e podia julgar e condenar à morte. No tempo de Cristo, porém, podendo condenar não tinham autoridade para executar a sentença, pois, a sentença tinha de ser ratificada pelo Procurador romano (cf. Jo 18,31).

O poder religioso fixava a doutrina correta, estabelecia o calendário e regulava a vida religiosa. O poder político, deixou de existir, definitivamente, no ano 70 d.C., e o poder religioso, renasceu no Concílio de Jâmnia, dando origem às escolas rabínicas, que já não tinham a ver com os Saduceus, mas com os Fariseus e Escribas.

5. A SINAGOGA



No tempo de Jesus, havia pelo menos uma sinagoga em quase toda cidade e aldeia (Lc 4.14-30).

Os judeus começaram a prestar culto nas sinagogas **durante o Exílio**, quando não tinham nenhum acesso ao Templo. As sinagogas desenvolveram a sua própria forma de culto, paralela à do Templo.

A sinagoga era aberta também para oração **três vezes por dia**.

Os rolos sagrados da Lei (a Torá) eram guardados num armário especial.



Facebook / Instagram: Brother Bíblia Arte
Fonte: Ministério Fiel

A palavra sinagoga significa «assembleia», «casa de reunião» do povo. É uma instituição antiquíssima, que se desenvolveu, sobretudo, no tempo do Exílio da Babilónia: longe do Templo e da Pátria, o povo sentiu necessidade de se reunir para o estudo e meditação da Lei.

A sinagoga é o centro da vida judaica nas povoações galileias médias como Cafarnaum e, provavelmente, nas pequenas como Nazaré. Embora a arqueologia ainda não nos tenha permitido traçar um mapa exato das sinagogas da Galileia no século I, não há dúvidas de que ir todos os Sábados de manhã ao serviço religioso da sinagoga era um hábito arraigado e normal. As sinagogas eram o lugar de reunião da comunidade para a leitura da Lei, a instrução e a oração. Assim se pode ler na inscrição proveniente da sinagoga de Teodoto, em Jerusalém: «Teodoto [...] construiu a sinagoga para a leitura da Lei e para o ensinamento dos mandamentos» (CORPUS INSCRIPTIONUM JUDAICARUM 11,1404).

Os edifícios das sinagogas da Galileia rural eram simples e pequenos, e em alguns casos devem ter sido utilizadas as casas particulares mais espaçosas como sinagogas. De planta retangular, as sinagogas tinham bancos de pedra ou de mosaico encostados às paredes e, provavelmente, um pequeno estrado onde se situava o leitor com uma cadeira especial para aquele que fazia a homilia (ver Lc 4,20).

Os objetos eram os estritamente necessários: uma arca para guardar os rolos, envoltos em mantos, que continham uma cópia dos livros da Lei (o Pentateuco) e dos Profetas (desde Josué até Malaquias) e, talvez, um púlpito sobre o qual se colocava o rolo que era lido.

O responsável pela sinagoga (Ancião) organiza a oração, designa os leitores e as pessoas, que ele considera dignas para fazer o comentário às leituras dado que a função do sacerdote, não é a de presidir, mas a de abençoar o povo. Homens e mulheres rezavam separadamente: os homens à frente e as mulheres atrás.

6. O SÁBADO

O Sábado, que vai do pôr do sol de sexta-feira ao pôr do sol de sábado. A Bíblia fala de três motivações para se salvaguardar o repouso sabático: a libertação do Egito (Dt 5,15), o descanso de Deus, na criação (Ex 20,11), e o dom da Aliança (Ex 31,16-17). Ao longo do Antigo Testamento, todas as prescrições recomendam

o descanso sabático, mas é, sobretudo, depois do exílio, que o Sábado vai adquirir importância religiosa.

HORAS DO DIA NO TEMPO DE JESUS



As horas de um dia no tempo de Jesus era contado do pôr-do-sol ao pôr-do-sol ao invés da meia-noite à meia-noite.

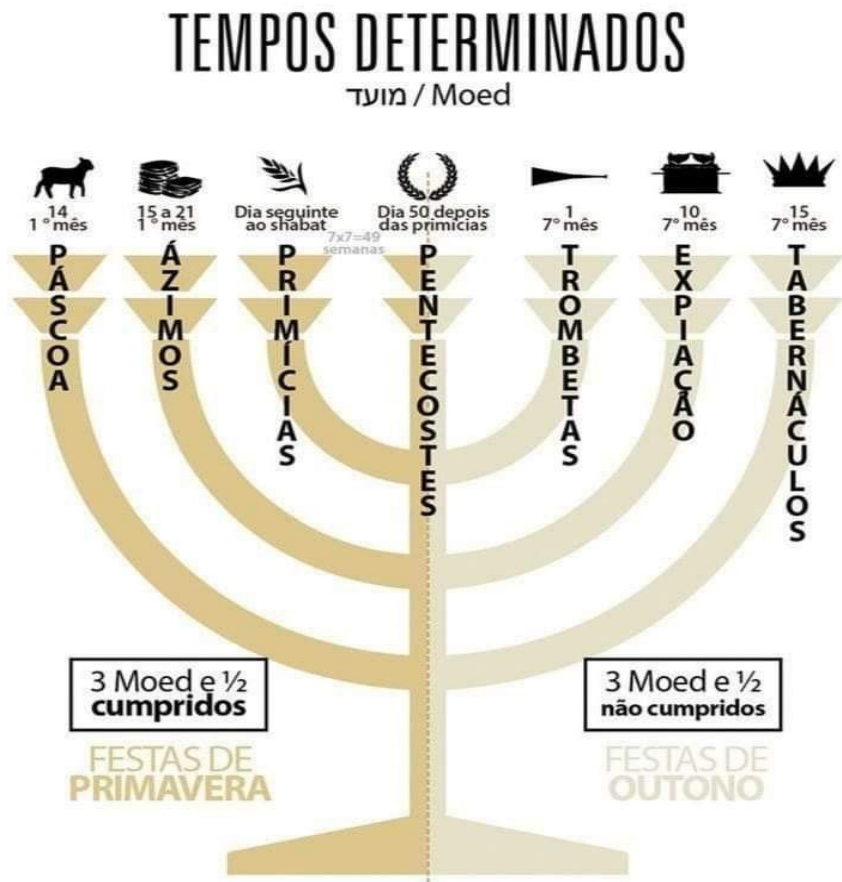
O dia judaico é modelado no relato da Criação na referência de "E foi a tarde e a manhã: o dia primeiro" (Gênesis 1:5).

@leituradanaescritura

São muito exagerados os pormenores da observância sabática, que encontramos no rabinismo do tempo de Cristo, o que motivou algumas das suas palavras mais libertadoras. Na verdade, o Sábado tinha-se tornado numa instituição verdadeiramente esmagadora e insuportável. Recordemos as atitudes de Cristo, em relação à observância sabática: atitudes sempre libertadoras. Não destrói o Sábado, mas antes, coloca-o na linha da liberdade,

da vida e do amor: «O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado» (cf. Mc 2,27; Mt 12,2-7; Lc 13,14-17).

7. AS FESTAS JUDAICAS



O calendário judaico do século I era lunissolar, combinando meses lunares com ajustes periódicos para alinhar o ano às estações solares. O início de cada mês (Rosh Chodesh) era determinado pela observação da lua nova, e a intercalação de um mês extra (Adar II) ocorria sete vezes em cada ciclo de 19 anos, garantindo que a Páscoa (Pêssach) sempre caísse na primavera.

Os meses tinham nomes de origem babilônica, adotados após o exílio, e variavam entre 29 e 30 dias. O ano religioso começava em Nissan (março/abril), enquanto o ano civil iniciava em Tishrei (setembro/outubro), refletindo influências babilônicas e egípcias.

As festas judaicas celebram as intervenções salvadoras de Deus na História. Ao celebrá-las, o judeu reconhece o seu Deus e reconhece-se, ao mesmo tempo, como Povo de Deus.

Três grandes festas marcam o ritmo do ano judaico: Páscoa, Pentecostes e Tabernáculos. Chamam-lhe festas de peregrinação, porque nelas é obrigatório que o povo judeu vá em peregrinação a Jerusalém (Dt 16).

Nota: Moed (no hebraico mo'ed, מועד) é uma palavra hebraica usada na Bíblia, que geralmente é traduzida como "tempo determinado", "estação", "assembleia" ou "festa".

7.1. A Festa da Páscoa e a festa dos pães ázimos

Ocorre a 14 de Nissan (lua nova da primavera) e celebra a libertação do povo hebreu da escravidão do Egito, o Êxodo. A sua origem remonta a duas festas muito antigas: uma de origem rural, com a oferta dos primeiros frutos da Terra (pão ázimo); a outra de origem nómada, na qual se sacrificava o Cordeiro, como primícia dos rebanhos. Celebrando a Páscoa, o povo hebreu celebra de modo exultante a libertação do Egito e faz do Êxodo, uma nova criação de Deus, o que lhe confere um carácter messiânico.

Originalmente um rito familiar, tornou-se uma romaria nacional a Jerusalém, com sacrifício do cordeiro pascal no Templo, banquetes e o Sêder, um jantar ritualístico repleto de símbolos (pão ázimo, ervas amargas, vinho, charosset, etc.).

A Festa dos Pães Ázimos (15-21 de Nissan), durava sete dias e simbolizava a pressa da saída do Egito e a pureza espiritual.

7.2. A Festa do Pentecostes e a festa das primícias

Cinquenta dias após a Páscoa, celebra-se a Festa das Semanas

(7x7 = 49 dias). Originariamente, estava ligada à Festa das Primícias, o que, por si, conota o ambiente de alegria, festa e ação de graças a Deus (cf. Ex 23; 16; 34,22; Num 28,26) pela colheita, vindo mais tarde, já na era cristã, a receber um sentido novo, passando a ser ocasião da celebração da Lei mosaica, no Sinai, e a ser conhecida como a Festa da Aliança.

7.3. A festa das trombetas

A festa das Trombetas (Yom Teruah) é um dos momentos mais marcantes do calendário bíblico, inaugurando o sétimo mês (Tishri) e abrindo um ciclo de introspecção que culmina no Dia da Expição (Yom Kippur). Ela combina memória, convocação e renovação espiritual, e no tempo de Jesus já possuía forte densidade simbólica.

A festa é instituída em Levítico 23:23-25 e Números 29:1, onde é descrita como:

- um dia de descanso solene;
- um memorial com toques de trombetas;
- uma santa convocação;
- acompanhado de ofertas queimadas ao Senhor.

7.4. Festa da Expição (Yom Kippur) ou Dia do Perdão

É uma festa penitencial, um dia de jejum em expiação dos pecados, no qual todo o povo implora de Deus o perdão e a purificação. Celebra-se cinco dias antes da Festa dos Tabernáculos. É a única ocasião do ano em que o Sumo-Sacerdote entra no Santo dos Santos para o aspergir, em expiação, com o sangue das vítimas; depois, impõe as mãos sobre a cabeça do bode expiatório, que carregado, assim, com os pecados do povo, é enviado para o deserto.

7.5. A Festa dos Tabernáculos ou das Tendas

Para recordar a passagem e permanência do povo de Deus no deserto e a dedicação do Templo de Salomão, cada família

hebraica constrói uma pequena cabana de ramos dentro da própria casa ou no terraço ou, então, na própria sala de estar (algumas vezes, nos arredores da povoação).

Alguns dos ritos desta festa tornaram-se muito populares de modo que cada manhã dos dias de festa, os sacerdotes, acompanhados pelo povo, empunhando ramos, vão em procissão, à fonte de Siloé, buscar água. De regresso, vão dar a volta ao altar dos holocaustos, cantando o Salmo 118 (117), em ação de graças pelas maravilhas que o Senhor realizou em favor do seu Povo e, em seguida, derramam a água sobre o altar. Ao fim da tarde, acendem-se os quatro grandes candelabros dourados do átrio das mulheres, que podem ser vistos em toda a cidade de Jerusalém.

7.6. Festa da Dedicção ou das Luzes (Hanukab)

É uma festa celebrada em dezembro e que recorda a purificação e dedicação do segundo Templo, realizada no ano 165 a.C., por Judas Macabeu, após a profanação do Templo realizada por Antíoco IV, Epifânio. Também chamada Festa das Luzes, porque nela, se iluminavam as casas e a sinagoga com lâmpadas, acendia-se uma grande fogueira e um facho era levado a Modin, terra dos Macabeus.

7.7. A festa de Purim

Também designada por festa das sortes, recorda a salvação do povo de Deus obtida por Ester contra Mardoqueu. São festas cheias de alegria, uma espécie de Carnaval judeu.